



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2022

PROCEDIMENTOS NARRATIVOS EM “AS MINAS DE PRATA” (DE JOSÉ DE ALENCAR)

Bruno Freitas de Carvalho Moreira¹; Professor Doutor Adeíto Manoel Pinho²

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: bfcml992@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: adeitalopinho@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; As Minas de Prata; José de Alencar.

INTRODUÇÃO

A investigação acerca dos procedimentos narrativos (Marco, 1985; p. 132) de *As Minas de Prata* é sumarizada pela pesquisadora Valeria de Marco, a partir de que se recorre a uma “análise estrutural e semiológica da narrativa literária” (Genette, 1995; p. 9). Genette distingue “história”, “narrativa” e “narração”, focando a “narrativa” (Idem Ibidem; p. 25-26). Ele não deixa de sublinhar que focar o nível da “narrativa” se justifica por sua centralidade interrelacionada tanto com a “história” quanto com a “narração”. A “história” é o enredo; enquanto a “narração” se refere ao “acto de narrar produtor e, por extensão, o conjunto da situação real ou fictícia na qual toma lugar” (Genette, 1995; p. 25). Entende-se a história contada, junto com a percepção dos indícios do ato de narração, posicionando o autor e/ou narrador como sujeito histórico, numa sociedade específica, ao se analisar os procedimentos narrativos. Tanto a crítica da forma quanto a das representações culturais cabem aí. A compreensão das operações acionadas por Alencar nesse romance, escrito entre 1862 e 1865, objetiva aprender e criticar formas de narrar o Brasil.

A “capacidade de fabulação e segurança narrativa” (Candido, 2000; p. 200), além da “evocação plástica e musical” (Idem Ibidem; p. 200), são percebidas já nas primeiras páginas de *As Minas de Prata* (1865-1866). Tal romance não se constitui como documento histórico-etnográfico das relações raciais brasileiras. Posiciona-se, em vez disso, próximo de um “recoo arqueográfico para a pré-história do romance burguês, para aquém da épica, para o fundo ritual do mito e da lenda, a pré-história folclórica do romanesco”, como destaca Haroldo de Campos (2006; p. 129), sobre *Iracema* (1865). A prosa poética, as inovações linguísticas e os recursos folhetinescos marcam ambos romances, contemporâneos entre si.

Por tais motivos, pretendeu-se, ao longo do Plano de Trabalho de Iniciação Científica, entre agosto/2021 e agosto/2022, divulgar uma obra romanesca oitocentista de fôlego, como *As Minas de Prata*. Essa obra, canônica, sobre a Bahia colonial, ainda é pouco analisada no meio acadêmico, em comparação a outras obras de Alencar. Nesta pesquisa, relata-se o aprendizado de técnicas narrativas a partir da leitura analítica do romance escolhido, sendo essa também informada pelos críticos e teóricos da Literatura Brasileira selecionados. Portanto, entende-se que, dessa forma, contribui-se com a

comunidade acadêmica do campo estudado, ancorado no Grupo de Estudos Literários Contemporâneos (GELC - UEFS). Isso se faz ao debater procedimentos narrativos, nas urdiduras das representações culturais de *As Minas de Prata*, como resumido no *paper* a seguir.

Para tanto, divide-se esta comunicação acadêmica em três seções, além da Introdução: Materiais e Métodos; Resultados e Discussão; e Considerações Finais. Na primeira, entende-se a partir de que edição de *As Minas de Prata* e de qual bibliografia se aciona o método rizomático (Deleuze & Guattari, 2011; p. 47). Em seguida, os procedimentos narrativos e as representações culturais vão se estendendo na relação entre teoria e leitura crítica do romance, enfocada nos “Resultados e Discussão”. Por fim, apresenta-se uma seção que visa a sumarizar agenciamentos entre noções e análises empreendidas na leitura rizomática de *As Minas de Prata*.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico e se fundamenta na leitura crítica do romance *As Minas de Prata* – escrito por José de Alencar entre 1862 e 1865 e publicado em 1865-1866. Usa-se, como fonte para citação, o fac-símile da publicação original, editada por Garnier Editor, digitalizada pelo Projeto Brasiliana USP. A revisão bibliográfica se divide em quatro eixos: Teoria da Narrativa (com base em Gérard Genette e Paul Ricoeur); Crítica Literária Brasileira (com base em Valeria de Marco, Marco Flamínio Peres, Antonio Candido e Haroldo de Campos); Teoria do Romance (com base em Mikhail Bakhtin); e Representações Culturais (com base em Alfredo Bosi). O método capaz de entrelaçar esses eixos em bulbos de rizomas, com “singularidades sucessivas” (Deleuze & Guattari, 2011; p. 28), “escoamento”, “rupturas e proliferações” (Idem Ibidem; p. 29), é o método rizomático (Idem Ibidem; p. 47).

Esse método também destaca relações entre “máquinas” de naturezas diferentes, ao se pensar “com que outra máquina a máquina literária pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar” (Deleuze & Guattari, 2011; p. 19). Exemplos de outras máquinas são a máquina governamental, a máquina antropológica, a máquina da linguagem (Castro, 2012; p. 104), ou a máquina editorial e a máquina narrativa. Os indícios dos agenciamentos entre tais máquinas se percebem ao focar os procedimentos narrativos, uma vez que a forma folhetinesca, por exemplo, obedece fundamentalmente aos dispositivos da máquina editorial oitocentista brasileira. Essa se faz aos poucos, no espaço do jornal. No caso de Alencar, desde 1851, com sua coluna “Ao correr da pena”, primeiro no *Correio Mercantil*, depois no *Diário do Rio de Janeiro* (Marco, 1985; p. 126). Como destaca Antonio Candido, “o folhetim de capa-e-espada, a ficção novelesca, sentimental ou humanitária, foi [o] alimento principal do leitor médio no século XIX e serviu para consolidar o romance enquanto gênero de primeiro plano, tornando-o hábito arraigado” (Candido, 2000; p. 121). O folhetim se mostra, assim, responsável por alimentar a máquina editorial ou o sistema literário brasileiro em formação.

Por conta dos entrelaçamentos rizomáticos do ato de narração, da narrativa e da diegese de *As Minas de Prata*, escrever ao estabelecer “platôs” (Deleuze & Guattari, 2011; p. 44) é também captar o movimento em que “cada elemento não para de variar e modificar sua distância em relação aos outros” (Idem Ibidem; p. 57). Estabelece-se, pelo método rizomático, zonas intensas e contínuas de segmentaridade e ruptura, feitas de “n

dimensões” ou “direções movediças” (Deleuze & Guattari, 2011; p. 43), ultrapassando as fronteiras entre os eixos de revisão bibliográfica, na leitura crítica de “As Minas de Prata”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados do método, apresento dois bulbos: um referente aos procedimentos narrativos; e outro referente às representações culturais – ambos instituídos na análise de *As Minas de Prata*. Ao entender que platôs – de que é feito o rizoma (Deleuze & Guattari, 2011; p. 44) ou o método rizomático – é “toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender” (Idem *Ibidem*; p. 44), entende-se o entrelaçamento constitutivo dos bulbos.

Em termos narratológicos, a escrita de *As Minas de Prata* deixa evidente o recurso das “anacronias narrativas” (Genette, 1995; p. 34), que são “a discordância entre a ordem da história e a da narrativa” (Idem *Ibidem*; p. 34). Tal operação se dá, ao longo da Literatura ocidental, com predominância do movimento retrógrado. Além da retrospectiva, o artifício do “regresso ao presente” (Idem *Ibidem*; p. 37) e da antecipação formam, no caso de *As Minas de Prata*, um “zigue-zague, essa gaguez inicial, e como que iniciática, ou propiciatória” (Genette, 1995; p. 44). O crítico literário francês se referia a *Em busca do tempo perdido* (de Marcel Proust), mas a citação se encaixa bem no romance analisado aqui. Dos seis volumes – em que *As Minas de Prata* (1865-1855) foi publicado –, dois se espraíam ao longo de um dia (01/01/1609) e a madrugada seguinte, operando uma série de zigue-zagues temporais. A urdidura do romance se faz, por esse meio, numa abertura que mostra diversos pontos de vistas e personagens, participantes daquela festa de ano, na Salvador colonial. Vai e volta no tempo para fazê-lo, narrativamente, além de enxertar pequenos *flash-backs*, a fim de contar o passado das personagens – num entrelaçado “labirinto narrativo” (Marco, 1985; p. 136). Os rituais, as coincidências, o enxerto, os grandes episódios e as revelações são elementos verificados na construção desse romance, folhetinesco e histórico (Peres, 2015; p. 28).

Em termos de representação cultural, notadamente dos indígenas, e, por extensão, da Colônia, cabe destacar:

Na sua representação da sociedade colonial dos séculos XVI e XVII, Alencar submete os pólos nativo-invasor a um tratamento antidialético pelo qual se neutralizam as oposições reais. [...] A concepção que Alencar tem do processo colonizador impede que os valores atribuídos romanticamente ao nosso índio – o heroísmo, a beleza, a naturalidade – brilhem em si e para si; eles se constelam em torno de um ímã, o conquistador, dotado de um poder infuso de atraí-los e incorporá-los. (Bosi, 1992; p 180-181)

Isso se dá com a tropa de índios submissa a João Fogaça (“capitão do matto”, como define o narrador) e com aquela submissa ao Padre Inácio de Lourical. Esses obedecem, por exemplo, a ordem do padre que põe fim ao trabalho de dezenas de anos do Pajé Abaré, que jogou pedras do alto de uma montanha, em direção ao mesmo lugar de um rio que cobre diamantes. O Pajé objetiva vingar sua ancestralidade indígena do homem branco, já que a raça branca guerrearia até a morte pelas pedras preciosas. Tais pedras ficam à mostra assim que o rio é desviado do curso original, entravado pela enorme quantidade de pedregulhos jogados por Abaré. Os índios catequizados e tornados vassalos do “bom” jesuíta Lourical desfazem a armadilha, assim que o Pajé morre. Cabe sublinhar a forma da prosa poética e dura, acionada por Alencar para a apresentação dessa personagem:

Desdobram-se a perder de vista as vastas planícies que formam o dorso da gigantesca serra, e a cobrem, como pellos de hirsuta fera, as densas e sombrias florestas virgens.

O velho pajé lá está acocorado na crista do rochedo. A seus pés corre aos saltos o caudaloso rio, que de repente tolhido no arrojo por uma molle de granito, empina e boleia-se como um indomito corcel, precipitado do alcantil, montanha abaixo.

Immovel e estreitamente ligado ao negro rochedo como uma continuação delle, o selvagem ancião parece algum ídolo americano, que o rude labor dos aborígenes houvesse lavrado no pincaro da rocha, deixando-o assente em seu pedestal nativo. (Alencar, 1866 – volume 6; p. 5-6)

Em suma, o “mito sacrificial”, descendente do “esquema feudalizante” (Bosi, 1992; p. 186) de Alencar, quando narra o Brasil colonial, se mostra em cenários extasiantes, com nuances severas e até tristes (Idem *Ibidem*; p. 188). Características essas comuns à constituição da personagem principal, Estácio, marcada intimamente pelos “desníveis” ou “diferença de condições sociais” (Candido, 2000; p. 206), também temperados por certa vassalagem ao sistema colonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ricoeur institui a intriga (*muthos*) como motor da ficção. Para ele, há uma coincidência entre representação e agenciamento dos fatos (Ricoeur, 1994; p. 61). Os procedimentos narrativos acionados para montar essa rede de acontecimentos e consequências dão conta de uma diversidade de discursos, captado por Bakhtin sob o conceito de *heterodiscurso* (Bakhtin, 2015; p. 29). No gênero Romance, encontram-se perspectivas de diferentes níveis sociais, das personagens, do narrador, do autor e do público. Há espaço para as diferentes práticas discursivas ligadas a outros gêneros textuais. A prosa de Alencar, ora poética ora descritiva, é também vinculada à dependência do sucesso no gosto do público. Por isso, procedimentos folhetinescos se misturam a representações culturais conservadoras – que não deixam de ser do autor, como se vê em Candido (2000; p. 200) e Bosi (1992; p. 176). Portanto, coube a essa pesquisa captar e divulgar operações narrativas competentemente acionadas por José de Alencar, além de criticar aspectos da cultura brasileira em *As Minas de Prata*.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *As Minas de Prata* (seis volumes). Rio de Janeiro: Garnier, 1865-1866. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4703>. Acessado em 02/08/2022, às 13:28:00.
- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: A estilística*. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CAMPOS, Haroldo de. Iracema: uma Arqueografia de Vanguarda. In: *Metalinguagem e Outras Metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006. P. 127-145.
- CANDIDO, Antonio. GOMES, Paulo Emílio Salles. PRADO, Décio de Almeida. ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. Volume 2. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
- CASTRO, Edgardo. *Introdução a Giorgio Agamben: uma arqueologia da potência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da Narrativa*. 3ª edição. Lisboa: Vega, 1995.

MARCO, Valeria de. As Minas de Prata: o Rosto Brasileiro. In: *Revista Língua e Literatura*. São Paulo, volume 14, p. 125-142, dezembro/1985.

PERES, Marcos Flamínio. *As Minas e a Agulheta: Romance e História em As Minas de Prata*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

RICOEUR, Paul. O Tecer da Intriga: uma Leitura da Poética de Aristóteles. In: *Tempo e Narrativa* (tomo 1). Campinas: Papirus, 1994. P. 55-84.